

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Maj Inf DANTE SARUBI FILHO

**Uma Nova Geopolítica Mundial (Pós 2008) – o papel
da Eurásia.**



Rio de Janeiro

2019

Maj Inf **DANTE** SARUBI FILHO

Uma Nova Geopolítica Mundial (Pós 2008) - o papel da Eurásia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial a obtenção do título de especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Orientador: Maj Inf EDUARDO TEIXEIRA COSTA MATTOS

Rio de Janeiro
2019

F481n Filho, Dante Sarubi

Uma Nova Geopolítica Mundial (Pós 2008) – o papel da Eurásia —Rio de Janeiro, 2019.
50 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Eduardo Teixeira Costa Mattos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

Bibliografia: f. 49-50.

1. EURÁSIA, RÚSSIA. 2. GEOPOLÍTICA. 3. CRISE. 4. UNIÃO EUROPEIA I. Título.

CDD 320

Maj Inf **DANTE SARUBI FILHO**

Uma Nova Geopolítica Mundial (Pós 2008) - o papel da Eurásia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial a obtenção do título de especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

COMISSÃO AVALIADORA

Eduardo Teixeira Costa Mattos - Maj Inf - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Fábio Gladzik - Ten Cel Inf - 1º Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Eduardo Schlup - Maj Cav - 2º Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

À minha família pelo apoio e compreensão incondicionais nas longas horas em que este trabalho foi priorizado em detrimento de minha presença nas demais atividades familiares.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Maj Inf Costa Mattos, meus sinceros agradecimentos pela dedicação e paciência durante a elaboração deste trabalho. Agradeço pela orientação firme e objetiva, bem como pelas sugestões que facilitaram a conclusão deste trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para que este trabalho fosse concluído.

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo apresentar uma análise da situação do tabuleiro geopolítico mundial após a crise econômica de 2008. O trabalho enfatizou o processo geopolítico desencadeado após a crise, em um momento em que a China ganha protagonismo mundial, a Rússia vem adotando medidas para retomar antiga condição de superpotência e os Estados Unidos da América busca não perder sua hegemonia global. A Eurásia foi a região de análise do trabalho, devido sua importância geopolítica para o mundo, uma vez que as principais disputas geopolíticas entre as nações acima citadas estão ocorrendo nessa região. Especial atenção foi dispensada à Rússia, devido seu papel histórico junto à Eurásia. Por fim, o trabalho buscou apresentar possível cenário advindo das disputas geopolíticas que foram desencadeadas após a crise de 2008.

Palavras-chave: Crise, Eurásia, Rússia, Geopolítica, União Europeia, Ucrânia, Estados Unidos e China.

ABSTRACT

This work aimed to present an analysis of the situation of the world geopolitical board after the economic crisis of 2008. The work emphasized the geopolitical process triggered after the crisis, at a time when China is gaining worldwide prominence, Russia has been adopting measures to resume former superpower condition and the United States of America seeks not to lose its global hegemony. Eurasia was the region of labor analysis because of its geopolitical importance to the world, as the main geopolitical disputes between the above nations are occurring in this region. Special attention was given to Russia, due to its historical role with Eurasia. Finally, the paper sought to present a possible scenario arising from the geopolitical disputes that were triggered after the 2008 crisis.

Key-words: Crisis, Eurasia, Russia, Geopolitics, European Union, Ukraine, United States and China.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Área Pivô - Heartland	17
----------------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	O PROBLEMA.....	12
1.2	OBJETIVOS.....	12
1.2.1	Objetivo Geral.....	12
1.2.2	Objetivos Específicos.....	12
1.3	JUSTIFICATIVA DA PESQUISA.....	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	CONCEITOS IMPORTANTES.....	15
2.2	A GEOPOLÍTICA NA EURÁSIA.....	19
2.3	O RESSURGIMENTO DA RÚSSIA.....	25
3	METODOLOGIA	33
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	33
3.2	UNIVERSO E AMOSTRA.....	33
3.3	COLETA DE DADOS.....	33
3.4	TRATAMENTO DOS DADOS.....	34
3.5	LIMITAÇÕES DO MÉTODO.....	34
4	O PAPEL DA EURÁSIA NO NOVO ORDENAMENTO GEOPOLÍTICO MUNDIAL	35
4.1	O TABULEIRO EURASIANO.....	35
4.2	A CRISE NA UCRÂNIA.....	36
4.3	PARCERIA ENTRE RÚSSIA E CHINA.....	38
5	A POSIÇÃO DA RÚSSIA NA NOVA GEOPOLÍTICA MUNDIAL	40
6	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Uma Nova Geopolítica Mundial vem se apresentando nos últimos anos fruto de acontecimentos de impacto global nas mais diversas esferas das relações entre atores do cenário internacional. Dentre esses acontecimentos está a crise financeira ocorrida em 2008, que foi o estopim de grandes mudanças no panorama geopolítico internacional.

Os impactos econômicos e financeiros da crise de 2008 já são bem conhecidos. Além de quase quebrar o sistema bancário dos Estados Unidos da América (EUA) e quebrar o de países como Islândia e Irlanda, houve a falência de diversas empresas e o desemprego em massa espalhou-se pelos quatro cantos do mundo. A crise deixou claras as mazelas do sistema financeiro globalizado e sua capacidade de afetar a economia mundial como um todo (CERES, 2015).

Como consequência da crise, existe uma grande desordem geopolítica que parece se tornar cada vez mais complexa, com seu principal foco sendo o desarranjo de forças na Eurásia (CERES, 2015).

Um dos principais efeitos da crise foi acelerar processos que já vinham ocorrendo de forma mais lenta, como a crise na União Europeia, devido à complexidade da formação e evolução de um bloco econômico com países de realidades diferentes como às dos seus atuais membros (CERES, 2015).

Na esteira da crise econômica mundial de 2008, a União Europeia mergulhou em uma crise financeira em 2009 provocada pelo elevado endividamento público em países da zona do euro. A crise atinge primeiro a Grécia, e se espalha para a Irlanda, Portugal, Espanha e Chipre. Os países recebem socorro financeiro para pagar as suas dívidas (UNIÃO...,2015, sem 1º, p. 47).

Afetados pela crise, os Estados centrais, capitaneados pelos EUA, buscam estratégias para sair da crise e retomar um novo processo de crescimento. A volta do crescimento, no entanto, nem sempre se dá nessas nações o que faz com que tais estratégias tenham o seu componente econômico, bem como também se manifesta

do ponto de vista geopolítico, buscando manter sua hegemonia no sistema capitalista mundial (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

No século XXI, o tabuleiro geopolítico internacional aponta a existência de três grandes protagonistas: Estados Unidos, China e Rússia. Tomando por base esses três atores internacionais, pode-se afirmar que os EUA têm por objetivo manter sua hegemonia mundial nos planos econômico e militar. Para a consecução deste objetivo, as estratégias do governo norte-americano consistem, fundamentalmente, no seguinte: barrar a ascensão da China como potência hegemônica do planeta e impedir a Rússia de alçar à condição de grande potência mundial ou mesmo regional (ALCOFORADO, 2015).

A retomada do protagonismo internacional é um objetivo que a Rússia vem buscando desde a queda do comunismo e o desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991. Sem o status de superpotência, o país deu início a um engajamento com o ocidente e se integrou à ordem mundial, a globalização (RÚSSIA...,2016, sem 1º, p. 55).

Nesse contexto, a Rússia volta a aparecer como um player no cenário regional, através de ações para assegurar sua área de influência histórica no Leste Europeu (CERES, 2015).

Após as reformas liberais ocorridas na década de 1990, a Rússia reestruturou-se economicamente a partir dos anos 2000, e se tornou uma grande parceira econômica da Europa Ocidental, principalmente no setor de energia, exportando petróleo, gás, carvão, aço e outros metais para países dessa região. Ao mesmo tempo, Moscou observou a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em direção às antigas fronteiras soviéticas, o que gerou o início de um conflito de interesses na região entre a Rússia e o ocidente (CERES, 2015).

Diante disso, constata-se que após a crise de 2008 a geopolítica mundial vem sofrendo alterações consideráveis, em particular na Eurásia, onde países como EUA, China e Rússia disputam áreas de influência. Esse jogo de interesses tem apresentado conflitos de diversas origens, sendo grande parte deles concentrados no Leste europeu, o que se tornou um desafio para a estabilidade da região.

1.1 O PROBLEMA

Diante do cenário anteriormente elencado, constata-se que a crise econômica de 2008 trouxe algumas consequências que influenciaram a geopolítica mundial. O enfraquecimento norte-americano e europeu (em particular da União Europeia) diante da crise, o crescimento chinês e o ressurgimento da Rússia como ator internacional de peso, criaram condições para que a Eurásia, em particular sua porção central (o Leste europeu), se tornasse palco de disputas entre diversas nações. Tal condição concede à região futuro indefinido.

É neste contexto e no assunto descrito anteriormente que emerge a problemática da pesquisa que ora se delineia. Como está se configurando a nova geopolítica mundial pós 2008?

1.2 OBJETIVOS

Segundo Creswell, a declaração do objetivo é a parte mais importante de todo o estudo, e precisa ser apresentada de maneira clara e específica. Além disso, ele ressalta que devido a essa importância, a declaração desse propósito deve ser estabelecida de forma separada de outros aspectos do estudo, sendo estruturada num tópico exclusivo (CRESWELL, 2010). Assim, esta pesquisa apresenta a seguir o objetivo geral e seus dois objetivos específicos.

1.2.1 Objetivo Geral

Como está se configurando a nova geopolítica mundial pós 2008 e qual o papel da Eurásia nesse processo? Ao responder esta pergunta, este trabalho encontra o seguinte objetivo geral conforme descrito a seguir: estudar a nova geopolítica mundial que está se apresentando após a crise financeira de 2008.

1.2.2 Objetivos Específicos

A fim de viabilizar a consecução do objetivo geral apresentado foram formulados alguns objetivos específicos a serem alcançados, que balizarão o

encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo e que serão elencados em seguida:

- a) Identificar o papel da Eurásia no novo ordenamento geopolítico mundial; e
- b) Identificar a posição da Rússia na nova geopolítica mundial.

1.3 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Esta seção objetiva discorrer de forma sucinta acerca dos principais tópicos que justificam a relevância deste trabalho. Desta forma, a importância desta proposta de pesquisa está apoiada nos seguintes aspectos:

Os efeitos da crise econômica ocorrida em 2008 no cenário político internacional foram muito maiores do que poderia se imaginar inicialmente. Do mesmo modo que a crise de 29, ela vem demonstrando ter a capacidade de mexer no ordenamento de poderes no cenário internacional, tendo a Eurásia como palco grande região impactada (CERES, 2015).

Existe uma corrente de pensamento que afirma que a crise vem acelerando a mudança geopolítica de longo prazo, anunciando o declínio do poder norte-americano e da influência europeia (ALCOFORADO, 2015).

Da análise do ponto de vista geopolítico e geoeconômico o crescimento econômico chinês e o ressurgimento da Rússia como potência colaboram para o enfraquecimento hegemônico dos EUA, dificultando sua tentativa de retomada da hegemonia (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

É importante ressaltar que um dos objetivos estratégicos da Rússia, além de ressurgir como potência mundial, é defender-se da ameaça a seu território representada pelos Estados Unidos e pelas forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (ALCOFORADO, 2015).

Esses aspectos situam-se numa questão geopolítica central - a disputa das potências mundiais por áreas de influência para exploração de energia e produção alimentar no contexto da crise mundial. A Europa sente perda de influência geopolítica que se aprofunda com crise econômica (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

Neste contexto, a Eurásia, em particular o Leste europeu, se apresenta como região central na disputa por interesses das “grandes potências” mundiais. Tal fato dá substância à teoria geopolítica de Mackinder, que dizia que quem governar a Europa Oriental comandará o “Heartland” (parte da Rússia, Leste europeu, Ásia Central e Oriente Médio), quem governar o Heartland comandará a Ilha do Mundo (Ásia, Europa e África) e quem governar a Ilha do Mundo comandará o Mundo (BONFIM, 2005).

Baseado no até aqui exposto, pode-se inferir que a crise econômica de 2008 acelerou um ciclo de disputa pela hegemonia mundial em um novo tabuleiro geopolítico, o que confere grande importância ao tema.

Em suma, a proposta desta pesquisa é relevante para o país com base nos fatores acima elencados, que demonstram a importância do assunto desta pesquisa em diversos campos de análise (político, econômico, militar e estratégico), bem como encontra suporte na importância do assunto para o Brasil como país emergente com aspirações globais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção promove um debate sobre os principais termos que servem de lente conceitual para a consecução da presente pesquisa: 1) Conceitos importantes; 2) A geopolítica da Eurásia; e 3) O ressurgimento da Rússia.

2.1 CONCEITOS IMPORTANTES

Para melhor entendermos as questões que serão tratadas no presente trabalho é importante conhecermos alguns conceitos que estarão inseridos nas discussões e que serão importantes para o entendimento pleno da proposta que será apresentada.

Uraci Castro Bonfim (2005) define política como a arte de organizar e governar um Estado e de dirigir suas ações, internas e externas em busca do bem comum.

Segundo o Glossário das Forças Armadas (2016) estratégia é a arte de preparar e aplicar o poder para conquistar e preservar objetivos, superando óbices de toda ordem.

O General Carlos de Meira Mattos (2002) define Geopolítica como a arte de aplicar a Política nos espaços geográficos.

Bonfim (2005) afirma que a Geopolítica se desenvolve em função da percepção do poder dos Estados e na relação entre os Estados do mundo, logo, na procura do poder mundial.

Bonfim (2005) também cita as sete “Leis do Crescimento dos Estados” ou “Leis dos Espaços Crescentes”, de Friedrich Ratzel. São elas: 1 - A necessidade de espaço cresce com a cultura do Estado. 2 - O crescimento do Estado segue outras manifestações do desenvolvimento do povo, devendo, necessariamente, preceder o desenvolvimento do próprio povo. 3 - O crescimento do Estado manifesta-se pela adição de outros Estados, menores, dentro do processo de amalgamação. 4 - A fronteira é o órgão periférico do Estado. 5 - Em seu crescimento, o Estado luta pela absorção das seções politicamente importantes. 6 - O primeiro ímpeto para o crescimento territorial vem de outra civilização superior. 7 - A tendência geral para a anexação territorial e amalgamação transmite o movimento de Estado para Estado e aumentando a sua intensidade.

Os Estados apresentam algumas tendências face às suas condições geográficas. Vejamos duas delas: 1 - Posse de uma ou mais saídas para o mar - a saída para o oceano é de extrema importância para um Estado, pelo fato de proporcionar acesso às rotas oceânicas, fundamentais para o seu maior desenvolvimento. Caso seja um Estado mediterrâneo, estará sempre dependente de um vizinho. Os Estados não se satisfazem com as saídas para o mar em um só sentido, normalmente procuram acesso também no sentido oposto, o que poderá ser obtido através de ações políticas e pacíficas com Estados vizinhos, mediante “corredores de exportação”. A situação ideal é a que o Estado possua acesso territorial aos mares opostos. 2 - Acesso às grandes rotas de suprimento marítimo - as grandes rotas marítimas de suprimento foram e ainda são altamente importantes para assegurar o progresso dos Estados e, por vezes, a própria existência de alguns. O acesso direto a essas rotas facilita a inserção do Estado no contexto mundial (BONFIM, 2005).

Halford John Mackinder, em sua obra “The Geographical Pivot of History” (1904) apresenta a Teoria do Poder Terrestre. Analisando o mapa mundi, observou que 75% das terras do Globo eram constituídas de Europa, Ásia e África; com cerca de 90% da população mundial, denominando esse conjunto de “Ilha do Mundo” e destacando-o como eixo central no hemisfério norte. E constatou, ainda, que as conquistas dos bárbaros para oeste e dos cossacos para leste partiram do centro-oriental, concebendo que no interior desse eixo, numa área central, se instalaria o poder terrestre. Denominou-se essa área de “Terra Central” ou “Terra Coração” (Heartland), autêntica área pivô da História. A seguir, deduziu que quem a controlasse dominaria a “Ilha do Mundo” e, como consequência, controlaria o mundo.

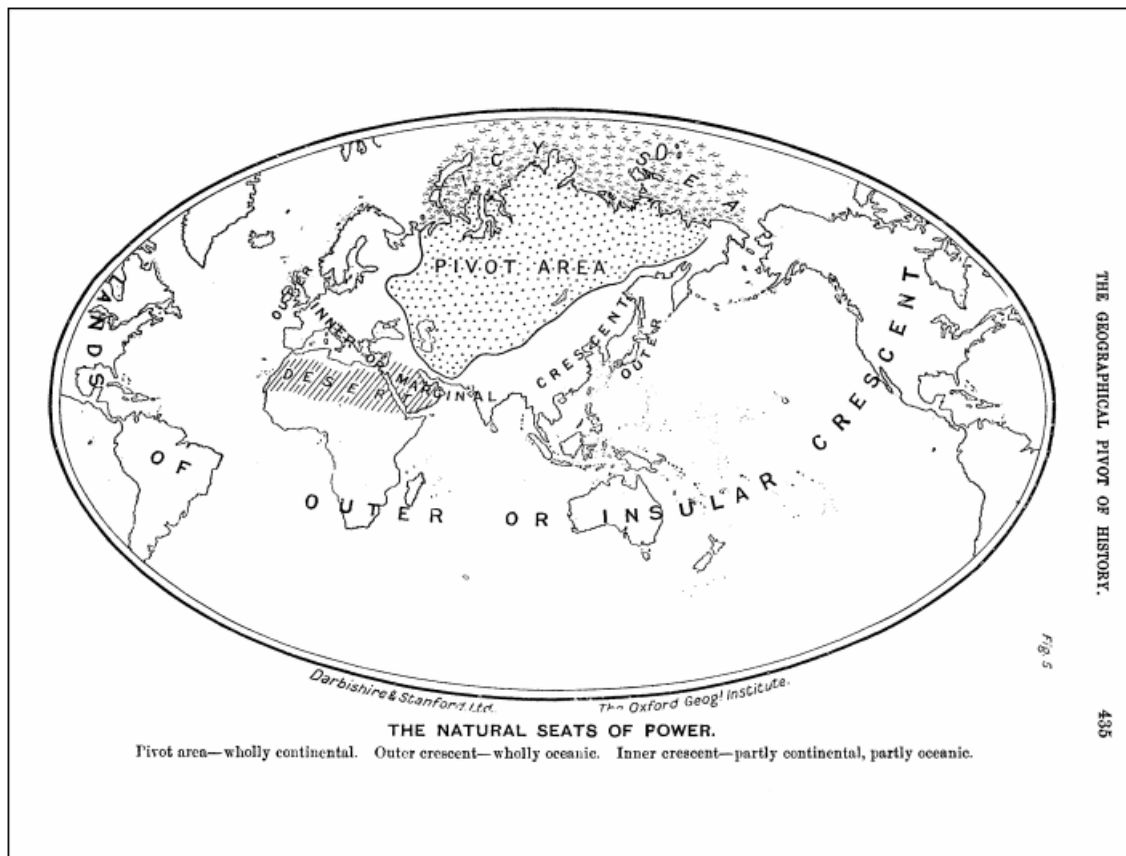


Figura 1: Área Pivô - Heartland
 Fonte: The Geographical Pivot of History, 1904

Segundo Therezinha de Castro, em sua obra *Nossa América - geopolítica comparada* (1992), as sete condições básicas que caracterizam as “nações emergentes” no âmbito das relações internacionais são: 1 - superfície territorial maior que 5 milhões de km²; 2 - continentalidade territorial; 3 - acesso direto e amplo ao oceano; 4 - recursos naturais estratégicos essenciais; 5 - população maior que 100 milhões de habitantes; 6 - densidade demográfica maior que 10 hab./km²; 7 - homogeneidade racial.

Uma das mais acreditadas análises teóricas dos fundamentos do poder mundial está baseada na articulação entre o poder militar e o domínio do território e deu origem à Geografia Política ou Geopolítica, onde são articulados os elementos relativos ao poder e ao território (MACKINDER, 1904).

Caio Barbosa Martinelli (2016), segundo os conceitos de Joseph Nye, apresenta os conceitos de Hard Power, Soft Power e Smart Power.

O Hard Power como um todo, pode ser entendido como algo direto e mais perceptível por conta de suas ações concretas, podendo ser dividido em duas vertentes que se diferenciam e se complementam. A primeira é toda a esfera que o campo militar abrange dentro da articulação bélica de um ator. O Hard Power em sua vertente militar vai além do simples fato do conflito armado em si. As guerras e intervenções se enquadram nesta parte do conceito, mas não atuam de forma exclusiva. A coerção, indução e dissuasão podem ser vistas como Hard Power militar. Durante uma guerra, um Estado que se encontra em posição de subjugar outro tem a capacidade, ligada a ameaça, medo ou punição, de persuadir, dissuadir ou induzir, para que o Estado subjogado faça o que o subjugador deseja. Sendo o Estado o único detentor legítimo da força sua articulação se restringe aos atores estatais (MARTINELLI, 2016 apud NYE 2002).

O Soft Power é uma ferramenta de poder que não está restrita apenas aos Estados. Qualquer tipo de ator, seja estatal ou não-estatal, pode exercer o Soft Power devido a sua característica indireta, transnacional e não imediata. A questão que caracteriza o Soft Power é sua esfera que engloba aspectos ideológicos, sociais e culturais. Nye ressalta que o Soft Power deve ser essencialmente um meio sedutor, ele deve atrair o ator a querer imitar quem exerce tal poder, não o obrigar ou coagi-lo a fazer o que se deseja. Meios que o obriguem seriam encaixados em características de Hard Power (MARTINELLI, 2016 apud NYE 2002).

O Smart power, conceito criado em 2003 por Joseph Nye e adotado mais tarde tanto por acadêmicos como por políticos, requer a adoção de medidas estratégicas inteligentes que combinam de forma harmoniosa, e muitas vezes sutil, alguns elementos do Hard power com formas de atuação características do Soft power, permitindo obter resultados mais eficazes e bem sucedidos (MARTINELLI, 2016 apud NYE 2007).

Diante dos conceitos apresentados, verifica-se a importância, por meio da substancialidade dos mesmos, das inferências propostas pelos diversos

autores. Esses conceitos colaborarão para o desencadeamento racional do presente trabalho.

2.2 A GEOPOLÍTICA DA EURÁSIA

No mundo existem dois continentes que estão ligados geograficamente: a Europa e a Ásia. Esta circunstância possui único termo usado para referir a essa grande massa continental: a Eurásia (CONCEITOS, 2017).

O ano de 2008 foi marcado pela ocorrência da maior crise econômica ocorrida no mundo desde 1929. O estouro da bolha imobiliária norte-americana e a expansão da crise para o restante do mundo pela comercialização dos “papéis tóxicos” subprime, bem como a contração do mercado norte-americano e europeu colocaram a crise como um problema que atinge todo o globo e não apenas o seu epicentro (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

Diante desse fato, a geopolítica mundial passou a sofrer alterações significativas e de forma mais acelerada, em particular na Eurásia. Vários aspectos surgiram ou se intensificaram no jogo geopolítico internacional.

Após 2001 ocorre mudança na geopolítica mundial, com o início da crise nos EUA, em virtude dos atentados de *11 de setembro* e das invasões do Afeganistão e do Iraque pelos Estados Unidos e seus aliados. Somado a isso, a crise econômica de 2008 abala a hegemonia norte-americana que vinha desde o fim da URSS. O sucesso da União Europeia leva a que os interesses europeus se distanciem dos EUA, com exceção da Inglaterra (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

A Ásia Central, importante região da Eurásia, é disputada por Rússia, China e Estados Unidos (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

O crescimento da China levou ao aumento do consumo de combustíveis, minerais e aço, acirrando a disputa pela influência sobre os países produtores da Ásia Central. O aumento dos preços e do consumo mundial de petróleo na primeira década do século XXI aumentou a incerteza sobre o domínio destas fontes. No mesmo período, o retorno da Rússia como potência aumenta disputas na Ásia Central. No caso da Europa e Ásia Central a Rússia se mostrou bastante resistente à expansão

dos interesses da OTAN na região, levando adiante ações bélicas no Cáucaso e na Ucrânia (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

“A ação geopolítica estadunidense para a saída da crise já vem ocorrendo em diversas áreas do globo. Os conflitos decorrentes da necessidade de mudança já vêm se manifestando” (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

As ações dos países centrais, no momento em especial a ação dos EUA, tem repercussão direta sobre os demais países do globo. São nos momentos de crise que as nações hegemônicas se tornam mais agressivas e belicistas e, portanto, não se pode deixar de lado as consequências geopolíticas das políticas de retomada de crescimento e manutenção do poder hegemônico (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

Na União Europeia crescem as disputas entre os países membros. Divergências quanto à ajuda aos países em crise, e quanto ao controle do parlamento e do Banco Central Europeu. O crescimento alemão reascende ciúmes franceses. A União Europeia busca fortalecer identidade própria e afastar seus interesses da liderança dos EUA. Os conflitos do Oriente Médio trazem o problema dos refugiados e um grande fluxo migratório para os países europeus, esse fato aumenta os problemas da xenofobia e do fortalecimento de grupos neonazistas nos países mais desenvolvidos da região (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

No início desse século, em particular após a crise de 2008, os Estados Unidos foram submetidos à prova. Em um prazo temporal muito curto, todas as relações mundiais dos Estados Unidos se modificaram, o país começou a compartilhar o poder em escala mundial. A era em que os Estados Unidos procuravam impor sua vontade no cenário internacional acabou. É o que vem ocorrendo desde o governo Barack Obama (ALCOFORADO, 2015).

Nesse ínterim, a velocidade e a ousadia da expansão mundial da China seguem surpreendendo os analistas e os governantes de todo o mundo. O país está se transformando na primeira sociedade não branca e não europeia que se transformará em uma superpotência política, econômica e militar global. E tudo indica que não haverá recuo nesta tendência. O século XXI assistirá, certamente, à consolidação

do maior Estado nacional do Extremo Oriente, a República Popular da China, como a maior potência econômica, política e militar do mundo (ALCOFORADO, 2015, p. 36).

Em substituição à hegemonia global norte-americana, haverá, em um futuro próximo, a construção de um sistema mundial multipolar sob a liderança conjunta da China e dos Estados Unidos, num quadro de equilíbrio de poder. Isto se deve ao fato da grande acumulação de capital na China e do volume dos déficits comercial e fiscal norte-americanos (ALCOFORADO, 2015).

Para barrar a ascensão da China como potência hegemônica do planeta, a estratégia militar norte-americana está centrada na região Ásia-Pacífico, sem descuidar do Oriente Médio para combater o terrorismo, defender Israel, salvaguardar seus interesses petrolíferos e fazer frente à ameaça do Irã. Como aliado dos Estados Unidos, o Japão colabora com a estratégia norte-americana de “cerco” da China reforçando seu poder militar até 2020. Outro objetivo da estratégia militar norte-americana é também pressionar a aliança da Rússia com a China desenvolvendo as ações da OTAN na Europa e com o reforço de suas bases militares no Japão, Coreia do Sul e da Frota do Pacífico (ALCOFORADO, 2015, p. 37).

Nesse tabuleiro geopolítico, Alcoforado (2015) comenta que duas grandes potências nucleares, Rússia e Índia, poderão atuar no sentido de reforçar a posição da China e dos Estados Unidos, respectivamente. A expansão da OTAN rumo às fronteiras russas é o principal perigo externo ao país. A Rússia tenderia a apoiar a China em um conflito com os Estados Unidos. A Índia poderia vir a apoiar a intervenção norte-americana na região no confronto com a China.

Após o desmantelamento da União Soviética e do sistema socialista do Leste Europeu, o projeto dos Estados Unidos foi a ocupação dos territórios fronteiriços da Rússia, que haviam estado sob influência soviética até 1991. A distribuição geopolítica das bases militares norte-americanas não deixa dúvidas sobre a existência de um novo “cinturão sanitário”, separando a Alemanha da Rússia e a Rússia da China (ALCOFORADO, 2015).

A Ucrânia, um dos 'cinco pivôs geopolíticos' da Eurásia, segundo Zbigniew Brzezinski, em seu livro "O grande Tabuleiro Mundial (1997)" que é um ponto chave nessa questão. A Ucrânia está se convertendo de país de periferia da Europa em uma nova fronteira de guerra, sendo palco de disputas da União Europeia e OTAN com a Rússia.

Brzezinski (1997) afirma que no novo mapa político da Eurásia podemos identificar cinco atores geoestratégicos França, Alemanha, Rússia, China e a Índia, e cinco pivôs geopolíticos Ucrânia, Azerbaijão, Coreia, Turquia e Irã. Sua definição de "pivôs geopolíticos" inclui os Estados cuja importância se deriva não de seu poder senão de sua localização, que em alguns casos lhes dá um papel especial já que para definir o acesso a áreas importantes ou para negar recursos a um jogador importante.

Após o final da Guerra Fria (1949-1991), a União Europeia e a OTAN expandem-se rumo ao Leste Europeu, tentando atrair os países que faziam parte da União Soviética (URSS) e de sua zona de influência. Essa estratégia, que conta com o apoio dos EUA, preocupa o governo da Rússia, que vê esse processo como uma ofensiva que ameaça a sua hegemonia regional (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 51).

A perda da influência sobre as antigas repúblicas do período soviético sempre causou ressentimento entre a elite política russa. Por isso quando a Ucrânia passou a negociar um acordo comercial com a UE no final de 2013, Putin achou que os europeus haviam ido longe demais. Afinal, a Ucrânia é um país estratégico para a geopolítica russa, considerado chave para a sua segurança nacional. O alinhamento da Ucrânia com os europeus poderia facilitar o ingresso do país na OTAN e a consequente instalação de bases em seu território. A ideia de ver as forças militares ocidentais em sua fronteira sudoeste é algo inconcebível para Putin. Logo, quando o presidente ucraniano Viktor Yanukovich estava prestes a assinar um acordo de associação comercial com a UE, Putin atravessou o negócio e ofereceu uma ajuda de 15 bilhões de dólares mais a promessa de um acordo econômico com a Rússia. Yanukovich aceitou a oferta e virou as costas para a UE. Mas a decisão provocou uma onda de revoltas que culminou com a renúncia do presidente em fevereiro de 2014 (RÚSSIA...,2016, sem 1º, p. 56).

Paralelo à essas questões, a União Europeia apresenta uma ruptura entre os interesses da Alemanha, maior economia do bloco, e os menos desenvolvidos países do Mediterrâneo, ou PIGS (Portugal, Itália, Grécia e Espanha) (CERES, 2015).

Após a crise internacional gerar quebra-de-cabeça nos PIGS, houve uma crise política interna na União Europeia causada pela política de distribuição do crédito pelo Banco Europeu e a sequente imposição de medidas de austeridade, fortemente questionada pelos países mais necessitados de capital, principalmente a Grécia (CERES, 2015).

A política de quase todos os países-membros da União Europeia encontra-se polarizada, com tanto a extrema esquerda, quanto a extrema direita ganhando mais poder nos parlamentos nacionais, em um cenário muito parecido com que havia antes da Segunda Guerra Mundial (CERES, 2015).

Existe um novo fator político interno nesses países que é o ganho de força de movimentos separatistas, notadamente na Espanha (Catalunha) e no Reino Unido (Escócia) (CERES, 2015).

A resposta de muitos governos à atual crise da globalização são políticas nacionalistas, baseadas na exploração do sentimento de identidade nacional para se posicionar na disputa global com outros países. Nesse contexto, partidos de extrema direita ganham força na Europa. A plataforma dessas agremiações privilegia a soberania sobre a economia e as fronteiras e um discurso anti-imigratório e, especialmente, em favor da retirada da União Europeia (NAÇÕES...,2017, sem 1º, p. 45).

No Reino Unido, por meio de um plebiscito realizado em junho de 2016, os britânicos escolheram deixar a União Europeia. É a primeira vez que um país-membro decide sair da União Europeia (UNIÃO...,2016, sem 2º, p. 45).

O Brexit faz parte de um movimento anti-europeu que ganha força nos países da UE. Os partidários da saída do Reino Unido são contra a imigração por achar que os estrangeiros representam uma concorrência em um mercado de trabalho saturado. Também

questionam os repasses financeiros que os membros destinam à UE. A cessão de parte da autonomia para o Parlamento Europeu também incomoda os eurocéticos (UNIÃO...,2016, sem 2º, p. 45).

Em que pese a crise econômica e política dos países da União Europeia, esta tenta atrair a Ucrânia para sua zona de influência. Tal objetivo esbarrou na objeção da Rússia. Em 2014, após as revoltas que destituíram o presidente ucraniano, a Ucrânia entrou em grave crise. O país perdeu a Criméia, que foi anexada pela Rússia, e viu o surgimento de movimentos separatistas em importantes cidades do leste, que contam com o apoio de Moscou. Em represália, devido a anexação da Criméia, EUA e União Europeia impuseram sanções econômicas à Rússia (RÚSSIA...,2016, sem 1º, p. 57).

Estamos chegando a um momento de desordem sistêmica: se estas tendências não são interrompidas ou redirecionadas a atual situação pode resultar numa progressiva alienação dos Estados Unidos da Eurásia com graves consequências para sua já maltratada hegemonia ou, de querer evitar tal ominoso cenário, deverá jogar com fogos e provocações cada vez mais arriscados e perigosos (CHINGO, 2014).

Essa crise recente desencadeou um cenário de mudanças geopolíticas muito parecido com o que havia no mundo antes das grandes guerras mundiais, quando países em ascensão disputavam pelo poder que estava sendo perdido pela força hegemônica em decadência (CERES, 2015).

Assim como naquela época, além da crise econômica, há uma crise político-ideológica, com a extrema esquerda e a extrema direita ganhando força por todo o mundo como alternativa a ideologia liberal nos levou à crise (CERES, 2015).

De todo o exposto nessa parte do trabalho, onde foram apresentadas questões relativas à geopolítica da Eurásia, constata-se que existe um consenso entre os autores referente à complexidade dos interesses geopolíticos nessa importante região global, em particular no Leste europeu.

2.3 O RESSURGIMENTO DA RÚSSIA

A queda do comunismo e a dissolução da URSS, em 1991, marcaram o início de um novo período na relação entre a Rússia e o Ocidente, substituindo a antiga rivalidade por cooperação. A Rússia adotou o capitalismo e se integrou à nova ordem mundial, a globalização; foi aceita em diversas organizações, como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o G-7 (grupo que reunia os sete países ocidentais mais ricos do mundo), que se tornou G-8. Nesse processo, a Rússia atraiu investimentos estrangeiros, sobretudo norte-americanos e europeus; e estreitou laços comerciais com a UE. Porém, o período que se seguiu à desintegração soviética foi conturbado e a Rússia mergulhara em caos econômico e político. O país acabou aceitando, a contragosto, as intervenções militares estrangeiras, que enfraqueceram a Sérvia, tradicional aliada, e a expansão da UE e da OTAN. Estas incorporaram nações do Leste Europeu (Hungria, Bulgária, Polônia, República Tcheca, Eslováquia e Romênia) e as antigas repúblicas da URSS na região do Báltico (Letônia, Lituânia e Estônia). Todo esse quadro foi agravado com a crise econômica de 2008 (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 49).

O atual presidente da Rússia, Vladimir Putin, assumiu o comando do país pela primeira vez em 2000 com o objetivo de recuperar a economia e restaurar o prestígio internacional do país. Para isso, retomou o controle de empresas estratégicas do setor de petróleo e gás e tenta reagrupar as antigas repúblicas soviéticas para sua esfera de influência. A Ucrânia é um desses países considerados estratégicos para a segurança e a economia russa (RÚSSIA...,2016, sem 1º, p. 57).

Desta forma, está ocorrendo o ressurgimento da Rússia como uma ameaça política e militar à Europa Ocidental e seus vizinhos (como a Geórgia), numa tentativa de se colocar contra o avanço do ocidente em direção a sua área de influência e aproximar-se de países que vem desafiando o poder hegemônico (China e Irã) (CERES, 2015).

A Rússia tem buscado retomar seu esforço de pesquisa para modernização produtiva de forma acelerada, com vistas a recuperar seu poder na geopolítica mundial (CAMPOLINA, 2014; DINIZ, 2014).

A chegada de Vladimir Putin ao poder da Rússia em 2000, marcou o início da recuperação geopolítica da Rússia, cuja posição tinha sido muito enfraquecida durante o governo Ieltsin na década de 1990. Putin representa a ascensão ao poder de uma ampla e sólida coalizão de interesses econômicos e políticos que se uniram quanto à necessidade de recompor as bases mínimas de operação de um Estado capitalista moderno que superasse a fase selvagem e predadora da “acumulação primitiva” na Federação Russa (ALCOFORADO, 2015, p. 40).

Desde que assumiu a presidência da Rússia pela primeira vez, em 2000, Putin iniciou uma ação para tentar restaurar a força internacional do país. Sua estratégia econômica passou a privilegiar a exportação de recursos naturais - o país é um dos grandes produtores mundiais de petróleo e gás. Para isso, o governo recuperou o controle de empresas estratégicas que haviam sido privatizadas na gestão anterior. Como vários países do leste europeu dependem do gás russo, Putin passou a utilizar os recursos como fonte de pressão econômica e política - cortando o fornecimento ou oferecendo descontos, dependendo do grau de alinhamento com Moscou (RÚSSIA...,2016, sem 1º, p. 55).

A recuperação geopolítica da Rússia está sendo possível graças à afirmação de um projeto nacionalista de recuperação do Estado russo por parte de Putin, que, na última década, decidiu concentrar seus esforços na reconquista de um domínio geopolítico sobre a área da ex-União Soviética. Ele pretende fazer com que fossem respeitadas as antigas fronteiras da União Soviética, à exceção dos países Bálticos. Mas a maior preocupação dos russos em termos de segurança provém da atuação da OTAN no ex-bloco soviético. Assim, a Rússia se opôs em 2007 ao projeto de escudo antimíssil que os norte-americanos queriam instalar na Europa Central (Polônia, República Tcheca), por meio da OTAN. Esse escudo antimíssil deveria supostamente

proteger os membros europeus da OTAN contra a ameaça iraniana (ALCOFORADO, 2015).

O presidente russo, Vladimir Putin, aprovou nesta quinta-feira uma nova estratégia de segurança nacional até 2020 que permite, caso a diplomacia não surta efeito, o uso da força para a defesa dos interesses nacionais. Embora estenda a mão aos EUA para garantir a estabilidade internacional. A principal ameaça para a segurança nacional continua sendo a OTAN, e a Rússia insiste em apontar como "inaceitável" a expansão da Aliança Atlântica para suas fronteiras e o desdobramento de um escudo antimísseis (RÚSSIA...,2016, sem 1º, p. 57).

Os dirigentes russos, nos últimos anos, voltaram a dar prioridade à questão das forças armadas, visando a reverter a acelerada decadência do potencial militar do país durante a década de 1990. O objetivo dessa reconstituição parcial do poder militar russo consistia em dar uma base material mais forte à estratégia de afirmação diplomática e geopolítica da Rússia frente às tentativas permanentes de enfraquecimento do país por parte dos Estados Unidos e de seus aliados europeus. Vladimir Putin anunciou que a Rússia ia gastar 580 bilhões de euros em armamento nos próximos dez anos para modernizar seu exército (ALCOFORADO, 2015).

A Rússia vem desenvolvendo parcerias estratégicas com a China. O país considerou que a China poderia ajudá-la na sua resistência às ambições geopolíticas dos Estados Unidos tanto na Europa Oriental, quanto no Cáucaso ou na Ásia Central. A Organização da Cooperação de Xangai (Shanghai Cooperation Organization – SCO) foi criada em 2001 para estabelecer uma aliança entre a Rússia e a China em termos militares e de combate ao terrorismo, ao fundamentalismo religioso e ao separatismo na região da Ásia. A SCO é uma organização de cooperação política e militar que se propõe explicitamente ser um contrapeso aos Estados Unidos e às forças militares da OTAN. Putin resolveu as últimas disputas territoriais com a China em 2004, tornando segura sua fronteira oriental. Os dois países defendem, em geral, posições convergentes na ONU e nos demais fóruns internacionais, como, por exemplo, o G20 (ALCOFORADO, 2015).

A parceria entre a China e a Rússia existe, também, no setor do armamento. Ao longo da década de 1990, as vendas de armas para a China foram essenciais para a sobrevivência do complexo militar industrial russo. A Rússia continuou sendo o maior fornecedor de armas modernas da China nos anos 2000 e houve mais recentemente transferência de tecnologia militar russa para a produção de novas armas chinesas. Os chineses permanecem grandes clientes de combustíveis fósseis russos. A parceria estratégica entre China e Rússia é tão fundamental para os dois países que as diferenças acerca da questão energética, ou outras divergências de interesses, naturais entre duas potências, por mais importantes que sejam, não foram capazes de ameaçar a colaboração entre os dois países no que diz respeito à tentativa de limitar o poder dos Estados Unidos (ALCOFORADO, 2015).

Além disso, a Rússia é hoje um grande fornecedor de armas para os países que querem manter sua independência em relação aos Estados Unidos, como a Índia. Da mesma forma, as nações que sofrem de embargo sobre armas por parte dos Estados Unidos como a China, a Venezuela ou o Irã fazem compras militares com a Rússia. Além disso, a Rússia continua sendo a grande potência nuclear mundial ao lado dos Estados Unidos. As sanções unilaterais que os Estados Unidos já impuseram à Rússia devido a seu comportamento na Ucrânia e a ameaça de impor ainda mais sanções apressou o desejo da Rússia de encontrar novas saídas para o seu gás e petróleo. Em 16 de maio de 2014, Rússia e China anunciaram a assinatura de um “tratado de amizade” contemplando um acordo sobre o gás, pelo qual os dois países irão construir um gasoduto para exportar gás russo para a China. A China vai emprestar à Rússia o dinheiro com o qual está construirá a sua parte do gasoduto. A Gazprom (maior produtora russa de gás e de petróleo) fez algumas concessões de preço à China (ALCOFORADO, 2015, p. 41).

Cabe observar que os efeitos da crise também vêm afetando a Rússia, principalmente devido à queda do preço do barril de petróleo. Esse fato coloca em xeque a economia da Rússia e de outros países produtores de petróleo que são dependentes de sua receita de exportação (ALCOFORADO, 2015).

A Rússia vem retomando sua influência mundial atuando em questões como a guerra civil na Síria. Desde o início do conflito, a Rússia, como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, vem usando seu poder de veto para impedir a adoção de resoluções contra a Síria. Para Putin, a defesa de Assad significa a manutenção de uma longa aliança com a Síria, que vem desde o período soviético. A Rússia é uma antiga fornecedora de armamentos e inteligência militar para os sírios. Ao intervir diretamente na guerra da Síria, a Rússia pretende assegurar seus interesses no Oriente Médio e mostrar que ainda exerce papel fundamental nas crises mundiais (RÚSSIA...,2016, sem 1º, p. 56).

O Conselho de Segurança da ONU delibera sobre a segurança mundial, com poder para impor sanções econômicas e intervenções militares em outros países. Os cinco membros permanentes - Estados Unidos, França, Reino Unido, Rússia e China - são os únicos que podem vetar qualquer proposta. É rotineiro os países do CS vetarem medidas contra seus aliados, o que impede ações efetivas em conflitos. O conselho também reúne dez membros rotativos, eleitos a cada dois anos, que participam das discussões e votam, sem poder de vetar (ONU...,2017, sem 1º, p. 77).

A crise na Ucrânia que teve início em novembro de 2013, quando o presidente ucraniano Viktor Yanukovich, favorável à aliança com a Rússia, desiste de assinar um acordo de livre-comércio com a União Europeia e anuncia a intenção de assinar um acordo econômico com a Rússia, é um ponto sensível para os interesses geopolíticos russos. O governo ucraniano cai em fevereiro de 2014. Em março, a península da Criméia se rebela em armas, declara independência e pede anexação à Rússia. A Criméia abriga importante base naval russa em Sebastopol e é a única porta de acesso ao Mar Negro e, por ele ao Mediterrâneo. A Ucrânia reage, mas acaba aceitando a separação. Porém, em maio, as províncias de Donetsk e Lugansk também declaram independência e pedem anexação à Rússia. O governo da Ucrânia não aceita e os conflitos armados se agravam (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 48).

A Ucrânia é o berço da cultura russa, com cerca de 45 milhões de habitantes e a segunda maior economia da região. O problema é que a Ucrânia é uma nação dividida entre o leste, com povos de origem

rusa, pró-Moscou e que falam russo, e o Oeste, habitado por ucranianos, pró-UE que falam ucraniano. Os interesses das duas comunidades entraram em colisão no momento de decidir os rumos do país. A aproximação da mais importante de todas as ex-repúblicas soviéticas com a Europa Ocidental é vista por Moscou como um primeiro passo para integrá-la à OTAN e o limite que o Ocidente não deve ultrapassar (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 48).

A União Europeia e os Estados Unidos impuseram sanções econômicas contra a Rússia, em represália contra sua intervenção na Ucrânia e a anexação da Crimeia. Essas sanções se somam à queda nos preços mundiais do petróleo e do gás natural, dois dos principais produtos de exportação e receitas da Rússia, e provocam uma crise econômica no país (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 51).

Os eventos na Ucrânia são um divisor de águas na relação da Rússia com o Ocidente, atingindo o pior nível em décadas. A Rússia é acusada de violar a integridade territorial de um país soberano. Em represália, os EUA e a UE expulsaram a Rússia do G-8 e decretaram sanções contra o sistema financeiro, as indústrias de defesa e de tecnologia e o estratégico setor de energia - motor da economia russa, baseada na exploração das maiores reservas de gás natural do mundo, mas também de petróleo e de carvão (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 50).

Isso acabou levando a Rússia a buscar novos parceiros econômicos no continente asiático, sendo o principal deles a China, país ao qual os EUA fizeram questão de manter longe da esfera de influência soviética durante a Guerra-Fria. A Rússia importava, principalmente da Alemanha, grande quantidade de bens de capital, maquinário e veículos, além de produtos químicos e exportava combustíveis fósseis. Essa relação comercial chegou a movimentar mais de 300 bilhões de Euros anualmente, transformando a União Europeia no principal parceiro econômico da Rússia (CERES, 2015).

A abertura de novos mercados na Ásia, contudo, aparece como uma pequena boia num mar de problemas na economia. A Rússia

mergulha em uma grave crise econômica em 2014, causada não apenas pelas sanções, mas também pela desvalorização acentuada das commodities de energia que ela exporta, e são a sua principal fonte de receita. O país chega ao final de 2014 imerso em dificuldades: uma desvalorização de 40% de sua moeda nacional, o rublo, apenas nesse ano, e a sombria previsão de que a economia deve entrar em recessão em 2015, após mais de uma década de crescimento em "ritmo chinês". A UE e os EUA receiam que Putin utilize estratégias e ocupações militares, como a da Ucrânia, nos países bálticos, também com minorias russas. Seria uma forma de manter sua popularidade e enfrentar os problemas econômicos. Para fazer frente a isso, a OTAN anunciou o maior reforço de sua defesa coletiva em décadas, criando quartéis em nações do flanco leste da Europa, com tropas e equipamentos militares para reações rápidas. Com a temperatura se elevando, é impossível não lembrar dos tempos da Guerra Fria (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 51).

A disputa entre a Rússia, de um lado, e a União Europeia e os Estados Unidos, de outro, continuava no início de 2015, sem que os russos recuassem de manter sua influência na guerra na Ucrânia e na região do Mar Negro. Os russos são acusados de alimentar a guerra fornecendo armas, blindados e mesmo soldados aos estados sublevados no leste ucraniano (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 48).

A estratégia de Moscou seria a mesma usada na Transdniestria, na Abkházia e na Ossétia do Sul: "congelar" esses conflitos e converter toda a região em outro enclave autônomo pró-Moscou. Assim, a Rússia terá meios de dificultar o ingresso do país na UE ou na OTAN (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 50).

Para a geopolítica russa, a Ucrânia era um escudo econômico e político ao avanço da União Europeia e de sua aliança militar, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que pode montar bases militares nos países-membros (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 48). Vladimir Putin resiste a perder suas áreas de influência na Ucrânia e reage às sanções do Ocidente com uma ofensiva para a Ásia (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 50).

Na tentativa de manter sua influência no Leste europeu, a Rússia criou a União Econômica Euroasiática (UEEA), que começou a funcionar em janeiro de 2015. A iniciativa reaproxima as ex-repúblicas soviéticas por meio da cooperação militar e de relações econômicas privilegiadas, com a livre circulação de mercadorias e serviços, de capital e de trabalhadores. No plano ideológico, o bloco se projeta como uma zona protegida da influência ocidental e que exalta os valores sociais dos povos da Eurásia (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 49).

Em vista do que foi debatido, percebe-se que a Rússia figura como importante ator global com influência na Eurásia ao longo do tempo, em especial no Leste europeu. Essa condição vem impondo à Rússia uma série de conflitos de interesses com outros países, uma vez que os russos não querem perder poder naquela região.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este capítulo tem por finalidade apresentar o caminho que se pretende percorrer para solucionar o problema de pesquisa, especificando os procedimentos necessários para alcançar os objetivos (geral e específicos) apresentados.

Com base nos conceitos teóricos apresentados no Manual de Elaboração de Projetos de Pesquisa da Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), esse capítulo será pautado numa sequência lógica, conforme apresentado a seguir.

Assim, seguindo a taxionomia de Vergara (2009), essa pesquisa terá abordagem qualitativa, explicativa, e bibliográfica quanto ao procedimento. Quanto à finalidade será básica. Será exploratória quanto ao objetivo, bem como será utilizado o método indutivo em relação ao raciocínio lógico adotado.

Será qualitativa, pois irá privilegiar as análises dos dados coletados, buscando os conceitos, princípios, relações e significados das coisas que envolvem os objetivos geral e específico. Explicativa porque o autor buscará tornar o assunto o menos complexo possível. Bibliográfica porque terá sua fundamentação teórico-metodológica na investigação dos assuntos abordados e na criação do conhecimento disponíveis em livros, manuais, artigos e redes eletrônicas de acesso livre ao público em geral.

3.2 UNIVERSO DA AMOSTRA

O universo será composto pelos países e regiões do mundo que vêm participando efetivamente das alterações geopolíticas ocorridas após a crise econômica de 2008. Será dada maior ênfase na Rússia e naqueles países que tenham participação na geopolítica da Eurásia.

3.3 COLETA DE DADOS

Essa pesquisa delinear-se-á por uma pesquisa bibliográfica na literatura disponível (livros, manuais, revistas especializadas, jornais, artigos, internet, trabalhos

acadêmicos) com dados pertinentes ao assunto. Será feita a seleção de toda a documentação que será utilizada no trabalho.

3.4 TRATAMENTO DOS DADOS

A abordagem escolhida para o tratamento dos dados está calcada nos procedimentos qualitativos de pesquisa. Isto em razão da natureza do problema dessa pesquisa e do perfil do pesquisador. Os dados serão tratados pela análise do conteúdo que é “uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema”. Isto ocorrerá durante toda a investigação.

3.5 LIMITAÇÕES DO MÉTODO

O método escolhido possui limitações, pois por se tratar de uma pesquisa bibliográfica limitar-se-á às consultas realizadas pelo autor, que buscará a maior variação possível. Será de extrema importância a seleção das fontes a serem utilizadas no trabalho, a fim de se evitar que a análise subjetiva seja tendenciosa. Assim, a metodologia utilizada buscará evidenciar de forma objetiva e clara, os seus tipos, universo e amostra, tratamento de dados e as limitações dos métodos elencados. Com isso, acredita-se que o método escolhido será acertado e possibilitará alcançar com sucesso o objetivo final desta pesquisa.

4 O PAPEL DA EURÁSIA NO NOVO ORDENAMENTO GEOPOLÍTICO MUNDIAL

Nessa seção serão feitas considerações acerca do papel da Eurásia no novo ordenamento mundial surgido após a crise econômica financeira de 2008, sempre considerando as ações adotadas pelos principais atores globais com interesses estratégicos na região e suas implicações para o tabuleiro geopolítico euroasiático.

4.1 O TABULEIRO EURASIANO

Os efeitos da crise econômica ocorrida em 2008 no cenário político internacional foram muito maiores do que poderia se imaginar inicialmente. Do mesmo modo que a crise de 29, ela vem demonstrando ter a capacidade de mexer no ordenamento de poderes no cenário internacional, tendo a Eurásia como palco grande região impactada (CERES, 2015).

A crise econômica de 2008 trouxe algumas consequências que influenciaram a geopolítica mundial. O enfraquecimento norte-americano e europeu (em particular da União Europeia) diante da crise, o crescimento chinês e o ressurgimento da Rússia como ator internacional de peso, criaram condições para que a Eurásia, em particular sua porção central (o Leste europeu), se tornasse palco de disputas entre diversas nações. Países como EUA, China e Rússia disputam áreas de influência na região, o que se tornou um desafio para a estabilidade da área. Tal condição concede à Eurásia futuro indefinido.

Tudo indica que no imenso Bloco Euroasiático que será disputada a grande contenda genuinamente geopolítica de escala global nas próximas décadas. Na frente oriental desse bloco, a China será capaz de romper o cerco (o “colar de pérolas”) que expressa plenamente a vigência do poder marítimo que lhe é imposto pelos EUA e seus aliados ocidentais e asiáticos? Na frente ocidental, a Rússia será capaz, com suas antigas e renovadas reservas de poder, capaz de romper as linhas da poderosa contenção que lhe é imposta pela ação coordenada dos Estados Unidos e seus aliados europeus agrupados na OTAN? (COSTA, 2015).

Brzezinski (1997) afirma que no novo mapa político da Eurásia podemos identificar cinco atores geoestratégicos França, Alemanha, Rússia, China e a Índia, e cinco pivôs geopolíticos Ucrânia, Azerbaijão, Coreia, Turquia e Irã. Sua definição de

"pivôs geopolíticos" inclui os Estados cuja importância se deriva não de seu poder senão de sua localização, que em alguns casos lhes dá um papel especial já que para definir o acesso a áreas importantes ou para negar recursos a um jogador importante.

Esses aspectos situam-se numa questão geopolítica central - a disputa das potências mundiais por áreas de influência para exploração de energia e produção alimentar no contexto da crise mundial. A Europa sente perda de influência geopolítica que se aprofunda com crise econômica (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

Na União Europeia crescem os problemas internos. Divergências quanto à ajuda aos países em crise, e quanto ao controle do parlamento e do Banco Central Europeu, o crescimento alemão reacende ciúmes franceses, a polarização política com as ascensões da esquerda e direita radicais, a crise migratória e o Brexit fazem com que o bloco tenha seu poder político enfraquecido perante os interesses na Eurásia, em particular no leste europeu.

Os EUA tiveram sua hegemonia global desafiada pelos ataques de 11 de setembro e pela crise econômica de 2008, agravada pelos gastos com a guerra ao terror, em particular nas invasões do Afeganistão e Iraque. Dessa maneira, os norte-americanos também tiveram perda de poder nas disputas geopolíticas na Eurásia.

Do exposto, observa-se que após a crise econômica de 2008, o ordenamento de poderes no cenário internacional tem sofrido mudanças, tendo a Eurásia como grande região impactada.

4.2 A CRISE DA UCRÂNIA

A OTAN deu curso à sua estratégia de alargamento a partir de 1999 no qual também incorporou a maior parte dos países do Leste Europeu e, portanto, da órbita do antigo Pacto de Varsóvia. Sob esse aspecto, os casos que melhor ilustram o grave e potencial quadro de fricções que se estabelecerá nas relações dos EUA/OTAN com a *nova* Rússia com a conseqüente deterioração das condições de segurança europeia, foram a incorporação das mencionadas três repúblicas Bálticas, os ostensivos convites à Geórgia e à Ucrânia para ingressarem na organização e a decisão de instalar uma base de lançamento de antimísseis na Polônia (COSTA, 2015).

Na crise da Ucrânia, regional *stricto sensu*, mas de alcance global pela força com que projeta externamente seus impactos, veio à superfície o modo particular de conceber e pôr no terreno a política internacional que vigorou durante séculos e que teve seu apogeu no período de predomínio dos impérios (a *Era dos Impérios* de Hobsbawm), em que os antagonismos e as guerras expressaram a face violenta da luta pelo poder. Ademais, embates políticos e confrontos militares em que territórios e regiões são objeto e fonte do poder dos estados e ocupam, portanto, o centro das estratégias nacionais dos antagonistas (COSTA, 2015).

Desde o colapso da União Soviética e o fim da Guerra Fria, a Ucrânia, pelo seu significado histórico e posição peculiar na antiga e nova configuração geopolítica, tornou-se alvo prioritário nesse novo ambiente de fricções entre a OTAN expandida em direção ao leste e a movimentação da Rússia nos últimos anos para restaurar seu poder na região, tornando-se o principal pivô do Oeste da Eurásia. A singularidade histórica da Ucrânia para os russos é indiscutível. Além disso, é conhecida a importância do país pela sua destacada produção agrícola e o desenvolvimento industrial, sobretudo na sua porção oriental (as áreas fronteiriças com a Rússia), ao lado da sua posição estratégica para o escoamento do gás da Sibéria em direção à Europa Ocidental pela rede de *pipelines* que atravessam o país (COSTA, 2015).

O congelamento do atual quadro da crise da Ucrânia é francamente favorável à Rússia do ponto de vista da sua particular estratégia inspirada na ancestral geopolítica do *poder terrestre*. Ainda que seja compelida a renunciar às províncias orientais da Ucrânia, pode comemorar a conquista (ou a reconquista) da estratégica Criméia e, dando clara demonstração ao Ocidente (como em 2008 na Geórgia), de que não está disposta a *baixar a guarda* na defesa dos seus interesses nas áreas de influência que considera seu tradicional Entorno Regional Estratégico (COSTA, 2015).

Diante desse contexto, verifica-se que a Ucrânia é um dos centros de conflito no quadro geopolítico da Eurásia, onde a Rússia limita a expansão da UE e EUA, por meio da OTAN, não deixando o país passar para a influência do ocidente.

4.3 A PARCERIA ENTRE RÚSSIA E CHINA

Além da retomada da proeminência da Rússia, o olhar sobre a geopolítica do século XXI deve deter-se no exame da rápida ascensão da China à posição de grande potência, país que tem a segunda maior economia e que é o líder das exportações do mundo e que nos últimos anos tem intensificado seu ativismo diplomático na escala global, com grande ênfase das suas ações na Eurásia. É notória sua disposição para arranjos de cooperação comercial e econômica em geral e preferencialmente no seu Entorno Regional, que têm se ampliado rapidamente com o comércio, os investimentos diretos e a influência política em mais de uma dezena de países da África, Ásia e da América Latina nos últimos anos (COSTA, 2015).

Como exemplo, a China busca parcerias com os países da Ásia Central. O crescimento da China nas últimas décadas levou ao aumento do consumo de combustíveis, minerais e aço, acirrando a disputa pela influência sobre os países produtores da Ásia Central. O aumento dos preços e do consumo mundial de petróleo na primeira década do século XXI aumentou a incerteza sobre o domínio destas fontes. No mesmo período, o retorno da Rússia como potência aumenta disputas na Ásia Central. No caso da Europa e Ásia Central a Rússia se mostrou bastante resistente à expansão dos interesses da OTAN na região, levando adiante ações bélicas no Cáucaso e na Ucrânia. No caso da influência chinesa na Ásia Central, a China busca estreitar ligações com a Rússia com a finalidade de garantir seus interesses na região (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

O quadro na escala do mundo sugere, também, que nessa reconfiguração geopolítica em curso o processo de maior expressão e com poder de influência nas próximas décadas são os vigorosos movimentos de aproximação entre a Rússia e a China, que tem se processado primeiro pela criação de um ambiente propício à convivência pacífica para em seguida desdobrar-se em direção a uma aliança abrangente ou mais propriamente estratégica das duas grandes potências. Como visto, solucionados seus antigos contenciosos no início dos anos noventa, o processo de aproximação avançou em abrangência e profundidade com a criação da Organização para a Cooperação de Xangai em 2013 (integrada pela China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão),

um mecanismo de concertação de conteúdo marcadamente econômico, mas que também abrange compromissos de natureza político-estratégica e especificamente militar (COSTA, 2015).

Essa parceria marcada pelas relações de cooperação entre os dois países também se expressa na celebração de novos arranjos comerciais bilaterais, sendo o maior deles, o recentemente firmado Acordo Energético envolvendo o fornecimento à China de 38 bilhões de metros cúbicos de gás por ano ao longo de trinta anos. A Rússia fornecerá gás siberiano à China através de seu gasoduto oriental, utilizando a mesma rota geográfica pela qual Moscou já exporta petróleo ao cinturão industrial do nordeste do país vizinho (COSTA, 2015).

Caso venha a consolidar-se a formidável - e poucos anos atrás improvável - aliança entre as duas grandes potências euroasiáticas, que além de países-baleia, contam com vantagens comparativas e competitivas derivadas dos seus territórios, recursos naturais, populações, infraestrutura, poder econômico e força militar, o mundo assistirá pela primeira vez à formação de um imenso e poderoso Bloco Eurasiano capaz de confrontar, nos anos que seguem, o até então incontrastável poder político e militar da aliança liderada pelos EUA, formado pela OTAN (no Ocidente) e ancorado nos acordos bilaterais de segurança com seus mais tradicionais aliados da Ásia e do Pacífico, casos do Japão, Coreia do Sul, Singapura e Austrália (COSTA, 2015).

Em síntese, a aliança entre a China e a Rússia poderá trazer novas implicações para o ordenamento mundial, na medida em que esses países somam interesses na disputa de poder político e militar entre as grandes potências.

5 A POSIÇÃO DA RÚSSIA NA NOVA GEOPOLÍTICA MUNDIAL

O presente tópico busca apresentar elementos que caracterizam o ressurgimento da Rússia como grande potência mundial e regional, bem como sua posição na nova geopolítica mundial que vem se configurando após a crise mundial de 2008.

Um aspecto notável da história da Rússia é o amálgama da sua evolução social, econômica, política e cultural com a particular configuração e formação do território nacional e o modo como isso se desdobra interna e externamente na geopolítica. Em outros termos, a longa trajetória da sua constituição enquanto Estado-Nação moderna - contrastando com as dos seus congêneres europeus - é marcada por um complexo quadro de processos superpostos e interconectados, no qual a construção e a consolidação do Estado praticamente se confundem com a expansão e a configuração do seu território. Por isso, e neste caso abstraindo suas respectivas particularidades históricas, certamente que a Prússia, mas também a Rússia, são os *arquétipos* do que podemos aqui denominar de Estado Territorial ratzeliano (COSTA, 2015).

Após três décadas de modernização acelerada e com notáveis progressos materiais em praticamente todas as esferas da economia e da sociedade, a Rússia inicia, a partir dos anos oitenta, um acentuado ciclo de declínio do país. As fragilidades do modelo econômico soviético, exclusivamente estatal, planejado e centralizado, foram expostas e suas consequências no rebaixamento dos padrões gerais de desenvolvimento e de bem-estar social da população tornaram-se visíveis, especialmente quando comparados àqueles alcançados pelos seus rivais capitalistas e industrializados, especialmente os Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra e Japão (COSTA, 2015).

A década que se seguiu à tal declínio foi de difícil transição e marcada por profunda crise da economia que além dos problemas estruturais apontados, também foi impactada pela perda de territórios que envolveu os processos de independência de 13 repúblicas que somavam cerca de cinco milhões de Km². Os impactos econômicos foram amplos e variados e abrangeram, por exemplo, as ricas jazidas

minerais e petrolíferas do Azerbaijão, Cazaquistão e Turcomenistão e as extensas e férteis terras agrícolas da Ucrânia. Seu poder político-estratégico também foi duramente afetado, pois seu sistema de Segurança & Defesa foi mutilado, já que diversos dos seus dispositivos militares (incluindo arsenais nucleares e bases de lançamento de mísseis) restaram espalhados nos territórios das novas repúblicas independentes, com as quais teve de encetar negociações (COSTA, 2015).

A retomada do protagonismo internacional é um objetivo que a Rússia vem buscando desde a queda do comunismo e o desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991. Sem o status de superpotência, o país deu início a um engajamento com o ocidente e se integrou à ordem mundial, a globalização (RÚSSIA...,2016, sem 1º, p. 55).

Com a chegada de Vladimir Putin ao poder, a Rússia empreende grande esforço de reconstrução econômica, no qual foi beneficiada pela elevação dos preços do petróleo e gás. No caso do gás, especialmente, o país ocupa a posição de maior fornecedor da Europa e este é escoado em uma densa rede de *pipelines* desde os campos da Sibéria e o governo de Moscou sabe que a forte dependência europeia desse combustível é fator crucial em conjunturas de crise com a Europa (COSTA, 2015).

No esforço de recuperação do poder e do espaço perdidos, a política estratégica atual russa, de natureza essencialmente geopolítica, impulsiona movimentos na direção de dois objetivos principais. Na frente ocidental, contrastar e conter duramente os EUA/OTAN em suas políticas de expansão/contenção em direção ao leste e, no limite, manter ou reconquistar para a sua órbita de influência direta a Ucrânia, as três ex-Repúblicas Soviéticas do Báltico (Lituânia, Letônia e Estônia), a Moldávia, parte do Cáucaso (Geórgia e Armênia) e o Ártico, com suas cobiçadas jazidas de petróleo e gás e suas novas rotas interoceânicas (COSTA, 2015).

Na sua estratégia na frente ocidental, a Rússia projeta manter ou retomar sua presença combinando diplomacia, dissuasão e ação militar em suas antigas áreas de influência, isto é, a Europa Oriental e

o Báltico e, ao sul, o Cáucaso no qual utilizou a força militar com a invasão da Geórgia em 2008 seguida da incorporação *de facto* das suas províncias da Ossétia do Sul e Abkházia. Dentre esses movimentos recentes, entretanto, o que melhor ilustra a determinação do país de seguir o caminho traçado para retomar sua posição de grande potência - e o que mais tem despertado a atenção da comunidade internacional - é a sua sistemática ingerência na política interna da Ucrânia e nesse caso em explícita confrontação com o Ocidente, a cooptação e o apoio militar aos insurgentes de ascendência russa das províncias orientais do país e, finalmente, a integração (do seu ponto de vista) ou a anexação (do ponto de vista ocidental) da Criméia, em março de 2014 (COSTA, 2015).

Desta forma, está ocorrendo o ressurgimento da Rússia como uma ameaça política e militar à Europa Ocidental e seus vizinhos (como a Geórgia), numa tentativa de se colocar contra o avanço do ocidente em direção a sua área de influência e aproximar-se de países que vem desafiando o poder hegemônico (China e Irã). Vladimir Putin aprovou uma nova estratégia de segurança nacional até 2020 que permite, caso a diplomacia não surta efeito, o uso da força para a defesa dos interesses nacionais, para isso, o país está reconstituindo seu poder militar com pesados investimentos, modernizando suas Forças Armadas (CERES, 2015) (RÚSSIA...,2016, sem 1º, p. 57).

Na sua projeção para o Leste, as ações russas se expressam, sobretudo, por um acentuado esforço de aproximação com a China, país com o qual tem história marcada pela alternância entre períodos de cooperação e rivalidades, neste caso envolvendo graves disputas fronteiriças nos anos 1960 (COSTA, 2015).

Esse longo ciclo de relações envolveu diversos tratados (o primeiro é de 1689) e na sua etapa atual, claramente tendendo à convergência entre os dois países, consolidou-se com o acordo de demarcação de fronteiras em 1991 que estabeleceu a partilha dos territórios em contenda e com o Tratado de 2004 que estabeleceu as fronteiras comuns, a sua desmilitarização e os direitos de circulação e comércio (COSTA, 2015).

Recentemente, a União Europeia e os Estados Unidos impuseram sanções econômicas contra a Rússia, em represália contra sua intervenção na Ucrânia e a anexação da Criméia (consolidação para saída para o mar quente). Essas sanções se somam à queda nos preços mundiais do petróleo e do gás natural, dois dos principais produtos de exportação e receitas da Rússia, e provocam uma crise econômica no país, agravando os antagonismos na região (RÚSSIA...,2015, sem 1º, p. 51).

Em que pese essas sanções contra a Rússia, os russos vêm buscando manter a retomada da sua influência mundial atuando em questões como a guerra civil na Síria. Ao intervir diretamente na guerra da Síria, a Rússia pretende assegurar seus interesses no Oriente Médio e mostrar que ainda exerce papel fundamental nas crises mundiais (RÚSSIA...,2016, sem 1º, p. 56).

A restauração da Rússia como grande potência com projeção regional e mundial e os rumos dominantes da sua estratégia de poder e de influência na política internacional, como o formidável reaparelhamento das forças armadas, a recente reaproximação com a China, a calculada movimentação que visa contrastar a hegemonia dos EUA/OTAN e a ousada e ostensiva intervenção política e militar na atual crise da Ucrânia, são processos e eventos emblemáticos das aceleradas mudanças do mundo deste início do século 21 e que nos inspiram a examiná-los pondo em relevo as concepções da antiga e sempre renovada geopolítica (COSTA, 2015).

Do apresentado nessa parte, verifica-se que os esforços russos para retomar um papel de destaque na geopolítica mundial são efetivas e se baseiam na recuperação da influência no seu entorno, além de buscar parcerias com a China numa tentativa de ter ao seu lado ator de peso no cenário internacional.

6 CONCLUSÃO

As transformações que vêm ocorrendo no cenário geopolítico mundial, assim como em outros momentos da história, são frutos de acontecimentos com capacidade de impacto global. A crise financeira de 2008 demonstrou que seus efeitos imediatos e a médio prazo colaboraram para alterações no tabuleiro geopolítico global.

A crise acentuou processos que já estavam em andamento, como a crise da União Europeia, e trouxe uma grande desordem geopolítica complexa, tendo a Eurásia como grande região impactada, onde três grandes países, Estados Unidos, China e Rússia, buscam protagonismo.

Nessa disputa, a crise econômica de 2008, somada aos atentados de 11 de setembro, diminuíram o poder relativo norte-americano, bem como dos principais países europeus no conjunto da União Europeia. O crescimento econômico chinês e o ressurgimento da Rússia como potência também colaboram para o enfraquecimento da hegemonia dos EUA, equilibrando o jogo geopolítico mundial.

Dessa maneira, a crise trouxe consequências que influenciaram a geopolítica global. O enfraquecimento norte-americano e europeu, o crescimento chinês e o ressurgimento da Rússia como ator internacional relevante, criaram condições para que a Eurásia, em particular o Leste europeu, se tornasse palco de disputas entre diversas nações.

Tudo leva a crer, que a grande disputa geopolítica mundial nas próximas décadas terá como palco o imenso Bloco Euroasiático. Em que pese a disputa geopolítica pelo domínio de importantes regiões da Eurásia como a Ásia Central, o epicentro dessa contenda está se delineando no Leste Europeu, tendo a Ucrânia como centro do conflito, uma vez que é por onde a Rússia limita a expansão da UE e EUA, por meio da OTAN, não deixando o país passar para a influência do ocidente, trazendo desafios para a estabilidade da região.

Essa situação remonta, e traz novamente para a discussão geopolítica, à teoria geopolítica do Poder Terrestre de Mackinder, apresentada no início do século passado pelo autor. A teoria defende que quem governar a Europa Oriental comandará o “Heartland” (parte da Rússia, Leste europeu, Ásia Central e Oriente Médio), quem governar o Heartland comandará a Ilha do Mundo (Ásia, Europa e África) e quem governar a Ilha do Mundo comandará o Mundo. Pode-se inferir que Estados Unidos,

China e Rússia parecem considerar a importância desses conceitos na elaboração de suas estratégias geopolíticas atuais.

Nesse contexto, a Ucrânia é um ponto chave nessa disputa. A importância geopolítica do país está se acentuando ao passo em que a nação está se transformando em uma nova fronteira de guerra. Ao analisar as Leis dos Espaços Crescentes”, de Friedrich Ratzel, verifica-se que a Ucrânia é demasiadamente importante para as pretensões geopolíticas russas.

A manutenção de sua influência sobre a Ucrânia é uma ação estratégica que está sendo seguida rigorosamente pela Rússia, no momento em que o país busca a retomada do protagonismo internacional, tendo isso como um de seus objetivos políticos mais importantes, o que é mais um ingrediente nessa disputa.

A recuperação geopolítica da Rússia tem como pressuposto a reconquista do domínio geopolítico sobre a área da ex-União Soviética, o que permitiria o país defender-se da ameaça ao seu território representada pelos Estados Unidos e pelas forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte, no momento que estes buscam aproximação com a Ucrânia.

Verifica-se que os esforços russos para retomar um papel de destaque na geopolítica mundial são efetivos, e que parecem estar surtindo efeitos. A intervenção russa na guerra civil da Síria, em apoio ao ditador Bashar Al Assad, sem grandes contestações do ocidente, é uma demonstração clara dessa retomada.

Outra ação russa na busca pelo seu retorno como grande ator no cenário global é o desenvolvimento de parcerias estratégicas com a China. O acordo energético firmado entre Rússia e China envolvendo o fornecimento à China de 38 bilhões de metros cúbicos de gás por ano, ao longo de trinta anos, evidencia essa intenção russa. O país considerou que a China poderia ajudá-la na sua resistência às ambições geopolíticas dos Estados Unidos, o que traz maior complexidade para as questões geopolíticas mundiais.

Essa opção russa se dá em virtude da China ser a primeira sociedade não branca e não europeia que se transformará em uma superpotência política, econômica e militar global, contrapondo-se à hegemonia norte-americana. A China vem ganhando influência em várias partes do mundo aplicando o conceito de Soft Power de Joseph Nye, principalmente por meio da expressão econômica do poder nacional.

Essa aliança entre as duas grandes potências euroasiáticas poderá consolidar a formação de um imenso e poderoso Bloco Eurasiano capaz de confrontar, nos

próximos anos, o poder político e militar dos EUA e seus aliados. Cabe ressaltar que os EUA, nos últimos anos, em particular após a crise de 2008, cada vez mais está substituindo a aplicação do conceito de Hard Power pelo conceito de Smart Power (ambos de Joseph Nye) nas suas relações internacionais, o que pressupõe declínio no ímpeto de suas pretensões hegemônicas.

De todo o exposto, pose-se concluir que a crise econômica de 2008 vem configurando um novo ciclo de disputa pela hegemonia mundial no jogo geopolítico, o que confere grande importância ao assunto.

Em substituição à hegemonia global norte-americana, está sendo construído um novo sistema mundial, onde China e EUA possuem liderança conjunta e a Rússia vem buscando retomar o patamar de superpotência, utilizando para isso sua parceria com a China, o que confere aos chineses maior poder político.

Em suma, a parceria que está se configurando entre a China e a Rússia, nos últimos anos, poderá moldar a nova Ordem Mundial pautada na Eurásia, revigorando a Teoria do Poder Terrestre, na qual a repartição do poder político e militar entre as grandes potências irá se configurar como tripolar.

REFERÊNCIAS

A GEOPOLÍTICA PÓS-CRISE DE 2008. **Centro de Estudos das Relações Internacionais**, São Paulo, 27 jun. 2015. Disponível em: <https://nemrisp.wordpress.com/2015/06/27/a-geopolitica-pos-crise-de-2008/>. Acesso em: 19 jan. 2019.

ALCOFORADO, Fernando. **A Crise Mundial de 2008 e suas consequências econômicas, sociais e geopolíticas**. Salvador. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/falcoforado/a-crise-mundial-de-2008-e-suas-consequencias-econmicas-sociais-e-geopolticas>. Acesso em: 15 mar. 2019.

BONFIM, Uraci Castro. **Geopolítica**. Rio de Janeiro. Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército / Ensino a Distância / CPEAEx / EAD. 2005.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Portaria Normativa nº 9/GAP/MD**, de 13 de janeiro e 2016, que Aprova o Glossário das Forças Armadas – MD35-G-01 (5ª Edição/2015). Publicado no D.O.U. nº 14, de 21 de janeiro de 2016.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **O grande Tabuleiro Mundial**. Estados Unidos da América: Basic Books, 1997.

CAMPOLINA, Bernardo; DINIZ, Clécio Campolina. **Crise global, Mudanças Geopolíticas e Inserção do Brasil**. Revista de Economia Política. Belo Horizonte, out-dez. 2014, vol 34, n. 4.

CASTRO, Therezinha. **Nossa América: geopolítica comparada**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, IBGE. 1992.

CHINGO, Juan. A crise econômica mundial se transforma em crise geopolítica. **Fração Trotskista Quarta Internacional**. 2014. Disponível em: http://www.estrategiainternacional.org/A-crise-economica-mundial-se-transforma-em-crise-geopolitica?lang=pt_br. Acesso em : 28 fev.2019.

CONGRESSO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA, 1., jun. 2016, Mar Del Plata. **A Geopolítica da Crise: crise econômica e as mudanças no espaço mundial**. Disponível em: <https://congresogeografiaeconomica.files.wordpress.com/2016/06/5-dos-santos-sampaio-medeiros.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2019.

COSTA, Wanderley Messias. **O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial**. Confins, Nr 25. 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10551>. Acesso em: 20 maio. 2019.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

EURÁSIA. Site: <https://conceitos.com>. Autor: Editorial Conceitos. Publicado: 02/08/2017. Disponível em: <https://conceitos.com/eurasia/Sao Paulo, Brasil>.

MACKINDER, Halford John. **The Geographical Pivot of History**. Londres: The Geographical Journal. 1904.

MARTINELLI, Caio Barbosa. **O Jogo Tridimensional**: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye. Curitiba: Conjuntura Global, vol. 5 n. 1, jan./abr., 2016, p. 65-80. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/conjunturaglobal/files/2016/06/5-Caio-Barbosa-Martinelli.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2019.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

NAÇÕES Desunidas. **Atualidades**, São Paulo, p. 40-45, 1. sem. 2017.

NEVES, Miguel Santos. **A China e a Índia no Atlântico Sul**. Relações Internacionais. Brasil, jun. 2013.

NYE, Joseph S. **Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

RÚSSIA: a volta de Moscou à arena geopolítica. **Atualidades**, São Paulo, p. 54-57, 1. sem. 2016.

UNIÃO Europeia: eleições na Grécia contestam o ajuste. **Atualidades**, São Paulo, p. 44-47, 1. sem. 2015.

UNIÃO Europeia: Reino Unido pede para sair. **Atualidades**, São Paulo, p. 44-45, 2. sem. 2016.